

LINGUAGEM ORDINÁRIA E LINGUAGEM LITERÁRIA EM WITTGENSTEIN

Aluno: Luiz Coelho

Orientadora: Helena Franco Martins

A literatura prestou-se historicamente a diversas abordagens da parte de filósofos interessados, posto que se ocupa de referenciais de limite para com a filosofia. Realidade, linguagem e representação são, por exemplo, temas mobilizados com frequência na histórias desses dois domínios. Contemporaneamente, o próprio caráter representativo da linguagem é colocado em xeque e se problematizam pretensões de um *hors-text* para a linguagem humana, em suas mais diversas manifestações (veja-se sobre isso Derrida, 1992). Nesse contexto, um traço singular do pensamento de nossa época, em especial nas ciências humanas, é a perda de limites entre o literário e o não literário, sobretudo pela vulnerabilização de uma série de demarcadores territoriais antes tidos como confiáveis – o literal e o metafórico, o compreendido e o interpretado, o factual e o valorativo, e assim por diante. A chamada crise da representação não é mais, ou talvez nunca tenha sido, um “privilégio” da literatura, para os adeptos de tal perspectiva, mas uma vicissitude constitutiva da linguagem, algo endêmico nos assuntos humanos e, portanto, onipresente em todos os campos do saber. Por outro lado, diante da crise, afluem olhares para a literatura à procura de respostas, pela crença de ser esse um campo que lida há tempos com questões de tal ordem, vide o conhecido enredo de “Dom Quixote de La Mancha”, obra clássica de Miguel de Cervantes. Podemos dizer que esse interesse que se volta para a literatura (e isto de alguma maneira é factual), em alguma medida crente e, em outra, crédulo, é uma postura perante a linguagem, matéria principal da arte em questão.

A filosofia do segundo Wittgenstein, e não é a única a fazê-lo, sugere uma aproximação singular com o campo da literatura. Longe de encerrar qualquer questão, incita à reflexão, a fim de que o leitor possa, por si mesmo, aproximar-se do embate e buscar suas próprias soluções — no debate filosófico, mas não somente aí: *Eu gostaria de, com o meu trabalho, não poupar a outrem o esforço de pensar, mas antes, na medida do possível, incitá-lo a pensar por si* (*Investigações*, Prefácio, p. 26). Esta pesquisa reagiu à incitação de Wittgenstein, buscando pensar, a partir de seu trabalho, a questão da literatura em relação a outras manifestações de linguagem.

O fulcro das questões e os emaranhados circundantes dos problemas filosóficos nos quais Wittgenstein se detém habitam a linguagem, forjam-se nela: problemas filosóficos têm, para Wittgenstein, uma natureza lingüística. Em seu embate com esses problemas ele volta a atenção ao caráter ordinário, cotidiano, da linguagem – revaloriza-o radicalmente. Abre-se a perspectiva para os usos das palavras numa dada língua, ou por uma determinada comunidade que compartilha uma “forma de vida”, em que se praticam determinados “jogos de linguagem” (*Investigações*, §§7, 19).

Pensar a literatura desse ponto de vista, buscar reconhecer com Wittgenstein suas responsabilidades e êxitos específicos, impôs em primeiro lugar o esclarecimento da noção, ou noções, de “jogos de linguagem”, apoiada na cotidianidade das práticas lingüísticas, e isso em virtude das seguintes perguntas que se colocavam: (i) o que caracteriza os jogos de linguagem

literários?; (ii) se a literatura não é estritamente um jogo de linguagem ordinário, quer dizer que possui um caráter extraordinário? Ou seja, postular a identidade da literatura requer apartá-la da ordinariedade dos jogos de linguagem? Ou, em outros termos: a obra de Wittgenstein fornece instrumentos que auxiliem na reflexão que relaciona/direciona as manifestações lingüísticas ordinárias e as literárias? Como isso se dá?

Questões como essas se impuseram como fundamentais, sobretudo pela interlocução que esse trabalho convoca, com autores contemporâneos para quem os limites e relações que distinguem os domínios, sem deixar de assemelhá-los, são tomados como zona cinzenta. Falar em zona cinzenta é menos apropriado no que diz respeito ao trabalho de Wittgenstein do que, talvez, espaço de intersecção e sobreposição. Sua filosofia oferece, normalmente, uma “apresentação perspícua” (*IF*, §122) dos problemas que se lhe apresentam, o que faz de uma forma que nos influencia a adotar uma postura em que se tenta “reconduzir as palavras ao seu uso cotidiano”, ouvi-las no seu uso. Requereu penetrar, sem surdez, no lugar onde habitam as palavras: seu uso dentro de um jogo, sem o qual não possuem sentido. Por outro lado, quaisquer que fossem as conclusões alcançadas por esse trabalho deveriam, inequivocamente, renunciar a uma postura essencialista diante da linguagem.

Uma re-apropriação do problema possibilitaria pensar as relações entre literatura e as demais manifestações de linguagem em outros termos, o que lançaria luz a ambos os domínios, como eu desejava. A primeira conclusão a que cheguei, útil para que se alcançassem as conclusões subseqüentes, foi a de que era tão importante para a apresentação do que sejam os jogos de linguagem ordinários, quanto dos literários, que não nos prendêssemos às expectativas criadas pelos jargões ou conceitos cristalizados, como *estilo*, *autor* e *leitor*, mas que os percebêssemos em suas recorrências e redundâncias, não excluindo inclusive o saber instrumentalizado, no pensamento de cultura e de teoria, ou crítica, literária. Dessa forma, ouvir-se-ia o uso e se explicitariam os domínios — se esclareceria o que há de ordinário nos usos que no mundo teórico soam exóticos, ou extraordinários, mas que ali por diversas conjunturas, naturalizaram-se, como os conceitos de *texto*, *autoria* ou *autonomia*, fundamentais para se falar de literatura. Ou seja, acreditamos que a compreensão do fenômeno literário sob o ângulo wittgensteiniano permite um redimensionamento de conceitos antes já utilizados no estudo da literatura, não tomados como exclusivos do domínio literário-artístico, tais como *contexto*, *forma* ou *expressividade*.

O caminho percorrido para que o tratamento dos problemas supracitados configurassem uma metodologia de trabalho se desenvolveu em três direções, que sempre se pretenderam confluentes: 1) análise das noções de jogos de linguagem na filosofia do segundo Wittgenstein, com especial atenção às *Investigações Filosóficas* e à literatura secundária relativa à mesma; 2) articulação dessa primeira investigação com as considerações do próprio autor relativas, direta ou indiretamente, à arte e à literatura, em outras obras como *Cultura e Valor*, *Aulas sobre Estética* e *Sobre a Certeza*; e, por fim, 3) desenvolvimento de uma reflexão em torno da noção de jogos de linguagem capaz de submeter toda o trabalho anterior a algum tipo de conclusão parcial, ensaística, no tocante à especificidade da Literatura.

Gostaria de começar pontuando que o esforço de Wittgenstein não se dirige à construção de uma teoria estética ou filosófica, mas ao contrário, descaracteriza-as. Cito-o em suas “Aulas sobre estética” (p.29):

Vocês poderiam pensar que a Estética seja uma ciência que nos diga o que é o belo — o que é ridículo demais para ser expresso em palavras.

A filosofia do segundo Wittgenstein, fundamentalmente, não é conceitual, pois não lida com noções estáticas, o que é coerente com sua proposta contrária à visão da linguagem como instrumento figurativo ou como sistema de representação. Nosso trabalho seguiu nessa mesma direção e chegou a outra conclusão, sobretudo pela contribuição das leituras de autores que serão abaixo comentados (e pelas palavras do próprio Wittgenstein): que esse tipo de abordagem filosófica é muito parecido com o que caracteriza algumas das vocações da literatura. Cito duas passagens do “*Cultura e Valor*”, de Wittgenstein (2000 p. 64 & 43-4):

O meu estilo é como uma má composição musical.

Penso ter resumido a minha atitude para com a filosofia quando disse: a filosofia deveria apenas escrever-se como uma composição poética (...).

Wittgenstein compreende que o estilo de sua escrita marca a relevância de sua obra, de modo a determinar de maneira substancial o conteúdo que erige. Acomoda-se, assim, na caracterização de Deleuze para o que seria um grande escritor, e isso a despeito da célebre antipatia que o filósofo francês lhe nutria:

O estilo, num grande escritor, é sempre também um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência. (1992 p. 126)

Certamente, essa característica da obra de Wittgenstein ressalta um *rizoma* que nos levou a pensar com certa propriedade o objeto dessa pesquisa — a “identidade” dos “jogos de linguagem” ordinários e literários — e a chegarmos a outras conclusões, como a seguinte: o estilo dá testemunho das vivências do autor, de sua *forma de vida*, e, por conseguinte, dá a ver, numa elicitación performativa (e é performativa por ser cultural), o jogo de linguagem, ou os jogos, em que se insere e que constitui — elemento que nos ajudou a caracterizar, além da identidade, também a intersecção entre a literatura, como um fenômeno humano e, portanto, lingüístico, e as manifestações ordinárias de linguagem. Chegamos a conclusões como essas graças a textos como os que compõem “Wittgenstein’s Ladder”, de Marjorie Perloff, e os ensaios de Stanley Cavell, sobretudo “Declinando do declínio”. Cito Cavell no referido ensaio, no momento em que flagra na obra do filósofo que estudamos a emergência de um estilo e a relevância no escopo da mesma:

O simplesmente literário é tão impropriedade para tal escrita (podemos chamá-la de literatura) quanto o é para qualquer outra coisa (a mais) que podemos chamar de filosofia. (1997, p. 62)

Dizer que há um fato puramente literário é tão absurdo, numa abordagem wittgensteiniana, quanto afirmar a independência dos jogos de linguagem cotidianos perante os fatores de vida que os constituem. Não são somente os limites entre filosofia e literatura, como já se deve ter percebido, que soam tênues, a partir de afirmações como essas, mas os de todas as manifestações de linguagem. O que não quer dizer que, por grande que seja a “ânsia de generalidade”, se esteja postulando aqui uma nova essência dos jogos de linguagem, sua fluidez, tomada agora como fator de universalidade. Ao mesmo tempo em que se repensa a linguagem, questionam-se os campos institucionais, suas posturas. Qualquer especificidade rígida é posta em xeque. No que diz respeito ao fato literário, a especificidade que se pode reconhecer em suas manifestações não impõe o seu confinamento ao campo institucionalmente reconhecido como “literatura”; pelo contrário, as considerações empreendidas se deram a partir de aproximações e afastamentos diante de outras manifestações de linguagem (semelhança e dessemelhança) — dialogismo.

Os *jogos de linguagem* são vários e variáveis, por serem práticas humanas, cambiáveis e fluidas. *O significado de uma palavra é o seu uso* (IF, § 43), pois só possui um sentido dentro da economia de um determinado jogo. As *Investigações Filosóficas* não delimitam “jogos de linguagem” como um conceito e então os associa à linguagem cotidiana — sobre a qual pende a esperança do autor — a linguagem no fluxo da experiência humana comum. Wittgenstein revigora, a despeito da filosofia tradicional, a credibilidade da fala humana comum. É da linguagem ordinária, da vivência humana secularizada, que também se constitui a literatura, seus universos criados; aliás, é esse caráter que permite a comunicabilidade entre um texto literário e a comunidade na qual se realiza. O uso da linguagem literária é o fator de importância, a partir de então.

A aproximação para com a obra de Wittgenstein e com as aparições da noção de jogos de linguagem se deu por diferentes vias. Quatro textos foram fundamentais para a incursão no cerne da discussão que exigia a pesquisa, que são: “Nota sobre o conceito de jogo-de-linguagem nas “investigações” de Wittgenstein”, de Balthazar Barbosa Filho; “Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein”, de Helena Franco Martins; “Excursus on Wittgenstein’s vision of language”, de Stanley Cavell; e por fim, o verbete do *Dicionário Wittgenstein*, de Hans-Johann Glock. O último nos deu a possibilidade de elaboração de um possível campo nocional, e uma entrada singular dentro das *Investigações Filosóficas*, além de diversos pontos de toque para a explicitação das relações entre o termo “jogos de linguagem” e outros de especial relevância para a compreensão da obra do segundo Wittgenstein, como “formas de vida” e “gramática”. Considero, também, que o verbete “jogos de linguagem” forneceu duas contribuições centrais para o mapeamento de questões que puderam ser exploradas no corpo a corpo com as *Investigações Filosóficas* e no contato com outras referências sobre o assunto, em especial os artigos supracitados. A primeira foi ter delineado um arcabouço tautológico, o que nos aproximaria de uma definição fora do solo de um pensamento conceitual — compreendendo os usos recorrentes de Wittgenstein para “jogos de linguagem”. A segunda foi possibilitar o mapeamento das maiores ocorrências do termo “jogos de linguagem” e suas nuances de diferenças, que seriam suas acepções relacionadas a: *práticas de ensino; jogos de linguagem fictícios; atividades linguísticas; e linguagem como jogo* (Glock 1998, 226-229). Cada uma dessas acepções do termo serviram para se pensar tanto os jogos de linguagem em si mesmos como sua relação com a literatura. Digamos que cada uma das acepções ofereceu uma via para se chegar ao pensamento sobre os jogos de linguagem literários, além dos problemas acima colocados.

A parcela do trabalho na qual nos dedicamos a pensar “jogos de linguagem” como *práticas de ensino* sofreu influência em um seminário dirigido na PUC-Rio por Luiz Henrique dos Santos (USP), que freqüentei quinzenalmente (segundo semestre de 2007), e no qual discutimos detidamente as primeiras seções das *Investigações Filosóficas*. Luiz Henrique dos Santos, longe de discutir a literatura, pôs em primeiro plano a cena inicial das *Investigações*, uma cena de aquisição da linguagem — que para Stanley Cavell constitui o fulcro de todas as *Investigações Filosóficas*. No debate, colocou-se em evidência a importância de se pensar a aquisição para se pensar a linguagem humana, “jogo da linguagem total” ou “jogo da linguagem humano” (BB 108; *Da Certeza* §§ 554-9), e não como um sistema, mas como um conjunto de práticas que não necessariamente se permite inventariar até seu esgotamento. “O todo incompleto a sua maneira”, nos diria Kafka em espírito semelhante (1999 p.39).

Muito se discutiu no seminário sobre a referencialidade, e a contribuição do segundo Wittgenstein para a recolocação da questão. Entretanto, a maior contribuição foi indireta, pois ofereceu um contraponto para a leitura do artigo *Excursus on Wittgenstein’s vision of language*,

de Stanley Cavell, e isso se esclareceu de forma mais substancial em discussões com minha orientadora. Motivado pela afinidade com a obra de Stanley Cavell e suas contribuições para a compreensão da relação que a obra de Wittgenstein estabelece com a literatura, acredito hoje que se pode admitir nos jogos de linguagem literários uma possibilidade de atualização da cena de aquisição, como se a literatura oferecesse uma ocasião de re-aquisição da linguagem. O indivíduo, ao se deparar com a obra literária, experimenta a possibilidade, seja por reconhecimento seja pela ludicidade, de re-investir sua língua e, portanto, sua vida de novos significados, amplia o uso. Cito Stanley Cavell (2000 p.36):

(...) if learning a first language is thought of as the child's acquiring of it, then poetry can be thought of as the adult's acquiring of it, as coming into possession of his or her own language, full citizenship.
(...) Poetry thereby celebrates its language by making it a return on its birth by reciprocating.

Isso se faz, justamente, pela crença na potencialidade da linguagem literária, a exemplo da fé no falar comum, incentivada por Wittgenstein. O interessante é que tal reconfiguração permite a criação de um painel em que a vocação *realista* da literatura pode ser repensada. Se a literatura é o momento de “projetar uma palavra” no solo do falar comum e re-investir a vida da comunidade leitora de significado, a exemplo do aprender do falar comum, percebe-se um outro tipo de relação entre linguagem e fato. As distinções entre ato e relato parecem não vir ao caso, a não ser em pretensões pedagógicas. Explicita-se uma espécie de realismo, não no sentido de movimento literário, mas como postura para se pensar a arte. A literatura re-organiza os fatos humanos, lingüísticos, e por isso possui relevância fora de si.

Autonomia de linguagem não é ausência de mundo. Como defende Cavell, *by reciprocating*, ou seja, em um processo mutuamente constitutivo, o indivíduo e sua linguagem, bem como a “forma de vida” na qual se inserem e a partir da qual são possíveis, refazem-se a partir da experiência da literatura, o que convoca o processo inicial de aquisição — a perspectiva wittgensteiniana abre então a possibilidade de um caminho alternativo a percepções teóricas contemporâneas que condenam à impossibilidade qualquer pretensão da literatura ao realismo. A Wittgenstein, diria Kafka: “Na luta que travas com o mundo, torce sempre pelo mundo” (1993 p. 103). Nego assim a asserção de Jacques Derrida (1992), na qual diz: “a literatura é a coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante que o mundo”. Pois se eu o fizesse concordaria que a linguagem possui algum tipo de estatuto ontológico que ultrapassa seu caráter relacional, ou que exista algum tipo de jogo de linguagem que se distingue das práticas nas quais está submerso.

Portanto, em consonância com a imagem da do fenômeno lingüístico como cidade que se expande e se transforma nas *Investigações* (§ 18), a literatura expande o conjunto de jogos de linguagem, alarga e transforma a experiência humana – ainda que de modo algum sob o ponto de vista de um acúmulo, de um progresso linear.

Por mais que não fosse interesse direto do seminário de Luiz Henrique dos Santos discutir questões relativas à Literatura, um importante passo estava sendo dado, pois se oferecia uma importante possibilidade de interlocução com a obra que era matriz para a pesquisa, as *Investigações Filosóficas*. Paralelamente, acumulei um número relevante de literatura secundária sobre a noção de jogos de linguagem e sobre as *Investigações Filosóficas*, como um todo, mesmo que numa abordagem propedêutica (destaco aqui *Wittgenstein*, de P.M.S. Hacker). O acúmulo de leituras dava ao escopo da pesquisa uma variedade de interpretações que me permitia optar por aquele que oferecesse mais viabilidade ao interesse da pesquisa, além de fornecer uma compreensão mais rica e mais ampla da obra. Como suporte para a primeira parte da pesquisa,

realizava reuniões semanais com a minha orientadora, a fim de esclarecer os pontos que pudessem estar ainda mal resolvidos, sobretudo naquelas leituras que tivessem seguido uma orientação mais independente. O que concluí de imediato, antes mesmo de recorrer à bibliografia a respeito da noção de jogos de linguagem, foi a necessidade de evitar o reducionismo semântico: deveria perceber, com um mínimo de exatidão, que na obra de Wittgenstein co-habitavam as mais diversas apropriações do termo. Como já disse.

A segunda apropriação do termo “jogo de linguagem” enumerada no verbete de Glock é a que relaciona o termo a *jogos de linguagem fictícios*, que servem como “objetos de comparação” (*Investigações* §130, §§2-27) fazendo referência a práticas lingüísticas hipoteticamente não tão “comuns” para determinada “forma de vida”. Podemos evocar aqui a famosa cena dos vendedores de madeira, seguindo a orientação de Stanley Cavell, no trabalho “O Normal e o Natural”, publicado em *The Cavell Reader* (organizado e apresentado por Stephen Mulhall). Nesse ensaio, a exemplo de “Declinando do declínio”, Cavell, além de ainda trabalhar sob o prisma da aquisição da linguagem, defende mais um “motivo” para a filosofia do segundo Wittgenstein: o pensamento sobre a cultura. Para Cavell, ao pensar culturas que, por assim dizer, seriam “exóticas”, Wittgenstein pretenderia lançar luz sobre a cultura ocidental e também sobre o pensamento que a caracteriza, tradicionalmente. Seriam como que *comparações por absurdo*, em um jargão lógico, utilizadas por Wittgenstein para deflagrar a sua própria cultura, a fim de “dissipar as trevas” da linguagem e, por conseguinte, das questões culturais e políticas (o que é indissociável para Wittgenstein) — fato que o aproxima bastante de parte da filosofia produzida no último século, bem como de certas abordagens contemporâneas da literatura, como o pós-estruturalismo e os estudos culturais.

Além disso, tal apropriação da noção é útil para se pensar os universos fictícios criados na literatura. A ficção cria “formas de vida” alternativas que por relações de semelhança e dessemelhança se aproximam das “formas de vida” humanas, daí o valor da concepção wittgensteiniana de “semelhança de família” (*Investigações* § 67). Outro texto de Cavell, no qual disserta sobre a obra de Wittgenstein, vem à tona para iluminar a discussão: *Knowledge and acknowledgment*. Nesse texto, Cavell apresenta a noção de *reconhecimento* como um tipo de relação de conhecimento que se distinguiria de uma visão tradicional do conhecimento e processamento lingüístico, que eu chamaria aqui de “mentalista”. Mentalista por situar a referência lingüística no domínio de uma relação unívoca entre os signos os objetos representados, que seriam dotados de identidade ontológica e que seriam autônomos em relação à língua. Daí é oriunda certa visão epistemológica platônico-aristotélica, grosso modo, a qual se opõe radicalmente Wittgenstein. Veja-se nesse sentido o uso provocativo que ele faz da palavra “essência” (*IF* § 371), deslocando-a para o tecido das nossas práticas lingüístico-culturais:

A essência está expressa na gramática.

A literatura cria universos que propiciam o “reconhecimento” — ocasião na qual a cultura se depara consigo mesma, também *by reciprocating*. Cito, a esse respeito, uma passagem de “Primeiro Amor” (Beckett, 2004 p. 2):

Meus outros escritos mal têm tempo de secar e já me dão asco, mas meu epitáfio ainda me agrada. Ele ilustra uma lição de gramática.

Cabe dizer que essa noção de reconhecimento se estabelece sobre o fato de que a literatura não cria *ex nihilo* realidades alternativas, mas expande e reorganiza realidades lingüísticas,

portanto cotidianas, explicitando o que há de essencial e presente na gramática a fim de que os referenciais da língua (que não lhe são externos) presentes na cultura sejam postos em evidência aos olhos da própria cultura na qual a obra é recebida, e da qual é receptáculo. Isso se realiza a partir de determinada(s) língua(s) ou de fragmentos seus, elementos da língua, de modo que a(s) cultura(s) da(s) mesma(s) se reconheça(m), revise(m)-se e, em alguns casos, *converta(m)-se*. Esse ponto da discussão pode ser levado em muitas direções que seriam em muito relevantes para a discussão a respeito da literatura, como o espaço da tradução como abertura para um câmbio que possa (re)constituir mutuamente culturas, sem deixar de propiciar um questionamento mútuo.

Antes de tratar do que seria uma conclusão propriamente dita, gostaria de rapidamente reportar-m às duas outras noções de “jogo de linguagem”, em sua relação com a literatura. Conceber “jogos de linguagem” como *atividades lingüísticas* é a apropriação, mais tardia, na qual Wittgenstein usa o termo em conexão com práticas não fictícias, falando, por exemplo, dos jogos de linguagem envolvendo palavras como “ler”, “dor”, “pensamento” etc. Apesar de não atribuir uma identidade precisa aos jogos de linguagem, diz que há uma irreduzível “multiplicidade de jogos de linguagem” (§23-4). É fundamental para apreciar a contribuição desse gesto na filosofia wittgensteiniana a compreensão do que ele chama de “semelhança de família”, os fatores de semelhança e dessemelhança que relacionam os jogos (§65). É ligada a essa apreensão do termo que está mais intimamente ligada a idéia de que os jogos são autônomos e não precisam de motivos externos (GF 184-5). Essa concepção, atrelada ao pensamento sobre literatura, parece rejeitar qualquer traço de *hors-text*, ou referencialidade, a princípio, o que seria um tanto polêmico depois de minhas considerações sobre o contexto e seu caráter fundamental para o pensamento sobre a ficção, por exemplo. Entretanto, no trabalho de Marjorie Perloff, sobretudo em *Wittgenstein's Ladder*, podemos reconhecer os traços de uma percepção contextual aguçada, que, sem extrapolar a forma de vida em que o texto se insere, não propõe qualquer compreensão *immanentista* do fenômeno literário, *formalista* por exemplo, mas, ao contrário, pragmática e antropológica, não desconsiderando a matéria prima de cada segmento artístico. Um texto que parece ressoar tal concepção particularmente, e as considerações das *Aulas sobre Estética* de Wittgenstein, partindo dos traços estilísticos do filósofo em questão, é a “Introdução” de Perloff ao livro de que estamos tratando.

Por fim, a última apropriação do termo, de “linguagem como jogo”, foi aquela que mais nos pareceu fundamental para se pensar a literatura, em se tratando do diálogo com o que seria uma concepção que defende uma suposta autonomia da arte, da linguagem. Os jogos são injustificáveis, e o são por estarem enraizados em nossas atividades e reações naturais, em nossa “história natural” – o fluxo da vida é entendido como o receptáculo que permite a constituição do sentido (§23-5). Nesse sentido abre-se uma possível fenda de aproximação entre a literatura e o que diz Wittgenstein: “Chamarei também ‘jogo de linguagem’ o conjunto das linguagens e das atividades com as quais está interligada” [PI § 17]. Por mais que se discuta a autonomia do objeto artístico ou sua independência do contexto, supõe-se que essa possibilidade é encerrada por fatores residuais e lastreáveis de formas de vida que o permitem, o que não quer dizer que exista alguma estabilidade fundamental metafisicamente capturável, ou ainda que haja uma justificativa inquestionável. Isso quer dizer que a literatura é o mesmo que os outros jogos de linguagem ordinários? Essencialmente? Sim e não, como queira. Há na literatura elementos que a caracterizam como um jogo de linguagem ordinário, mas, ao mesmo tempo, o jogo de linguagem literário possui características, definidas historicamente pela sociedade que o constituiu e o pratica, e que é capaz de o extinguir-lo. Portanto, podemos dizer que a noção wittgensteiniana de jogo de linguagem nos permite pensar a literatura de forma a preservar sua identidade e especificidade, sem a postulação de essências capazes de distingui-la de outras manifestações de

linguagem. Antes de caminharmos para uma apresentação conclusiva de atividades que realizei, gostaria de citar a caracterização de Perloff, de modo a explicitar sua contribuição na construção do arcabouço de conclusões a que chegamos nesse trabalho:

The concept of the “language-game”, which is a central to the *Investigations* as it ultimately undefinable, can be discussed from at least four different, though interrelated, perspectives, all of them applicable to the poems and fictions and artworks produced in the wake of Wittgenstein’s writing: (1) the emphasis on the strangeness, the enigmatic nature, of everyday language; (2) the awareness that “the world is *my* world [which] shows itself in the fact that the limits of *my* world” (T#5.62) a proposition the later Wittgenstein never abandoned, although the solipsism of “my” gradually gave way to “our,” the continuous struggle everyone encounters in the “bumping of one’s head” against the walls of one’s language cage in the drive to understand one’s world; (3) the recognition of the self as, in no small measure, a social construct, a cultural construction. (...) Language is thus a set rule-governed practices, but one that can be adapted in a myriad of ways. And finally (4), the Discovery that there are no propositions of absolute value, no casual or even temporal explanations. (PERLOFF 1996 pp. 20-1)

Concomitantemente a esse trabalho de leitura e discussão que realizei sobre a noção de “jogo de linguagem” e sua manutenção em perspectiva com a literatura, dediquei-me em travar contato com obras literárias, ensaísticas e filosóficas, das mais diversas procedências e gêneros mas que tivessem algum fulcro de relação com o assunto que estudara, em graus distintos de afinidade. Seja em leituras e discussões orientadas por minha orientadora, seja na participação, com apresentação de trabalhos, em congressos ou simpósios, permiti que essa atividade continuada acompanhasse todo o período da pesquisa e que contribuísse em muito para que eu chegasse a muitas das conclusões citadas acima. Considerei fundamentais alguns autores e comentadores que estudei, que são: Richard Eldridge e James Gueti (em ensaios que relacionavam Wittgenstein e a literatura); Samuel Beckett e Franz Kafka (por sua obra produzida, não somente artísticas); e Gilles Deleuze e Martin Heidegger (a fim de obter algum contraponto filosófico para a questão). Dois desses autores foram mais exaustivamente estudados: Franz Kafka, com a contribuição de um curso de graduação de nome “O Cânone Ocidental” (ministrado por Karl Erik Schøllhammer); e Samuel Beckett, em virtude do mesmo curso, de um grupo de discussão dirigido por minha orientadora (dedicado a pensar a linguagem em relação a literatura), e por um trabalho individual ainda mais cuidadoso. Concluindo, gostaria de explicitar que participei de três eventos nos quais comuniquei meus trabalhos de aplicação do escopo da pesquisa à produção de poesia contemporânea, todos sob a co-orientação de Paulo Henriques Britto. Em 2007, apresentei dois trabalhos: 1) “A construção da subjetividade na poética de Paulo Henriques Britto: uma perspectiva wittgensteiniana” — apresentado no II Simpósio de Literatura Contemporânea, realizado na UFRJ, e publicado no site do Grêmio Cultural Ana César, composto por alunos que organizaram o evento; e 2) “Aparentemente Insólito: considerações despreziosas sobre o involuntário em seis jovens poetas”, texto apresentado na Semana de Letras da PUC-Rio, realizado pelo PET-Let. Em 2008, apresentei outro trabalho: “Da realidade da poesia brasileira e seus graus de realismo”, no III Simpósio de Literatura Contemporânea, também na UFRJ.

Bibliografia:

- BARBOSA FILHO, B. (1973) “Notas sobre o conceito de jogo-de-linguagem nas ‘Investigações’ de Wittgenstein” In ITA - Humanidades, vol 9, pp. 75-104.
- BECKETT, Samuel.: “Carta de Samuel Beckett a Axel Kaun, a ‘Carta Alemã’ de 1937”. In: ANDRADE, Fábio de Souza. **Samuel Beckett: o silêncio possível**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001. pp. 167-171.
- BECKETT, Samuel.: “Três diálogos com Georges Duthuit (1949)”. In: ANDRADE, Fábio de Souza. **Samuel Beckett: o silêncio possível**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001. pp. 173-195.
- _____: **Fim de Partida**. Trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- _____: **Primeiro Amor**. Trad. Célia Evaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CAVELL, Stanley.: “Excursus on Wittgenstein’s vision of language”. In: CRARY, Alice Marguerite; READ, Rupert J (Orgs.): **The new Wittgenstein**. London; New York: Routledge, 2000. pp.21-37
- _____: “Declinando do declínio”. In: **Esta América nova, ainda inabordável: palestras a partir de Emerson e Wittgenstein**. Trad. Heloisa Toller Gomes. 1 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1997. pp. 35-74.
- _____: “Um trabalho em andamento: à guisa de introdução”. In: **Esta América nova, ainda inabordável: palestras a partir de Emerson e Wittgenstein**. Trad. Heloisa Toller Gomes. 1 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1997. pp. 9-34.
- _____: “Knowing and Acknowledging”. In: **The Cavell Reader**. Edited by Stephen Mulhall. Chicago: Blackwell Publishing, 1996. pp.46-71
- _____: “The normal and the natural”. In: **The Cavell Reader**. Edited by Stephen Mulhall. Chicago: Blackwell Publishing, 1996. pp. 31-45.
- _____: “Epilogue: the *Investigations*’ Everyday Aesthetics of Itself”. In: **The Cavell Reader**. Edited by Stephen Mulhall. Chicago: Blackwell Publishing, 1996. pp. 367-389.
- DELEUZE, Gilles.: **Conversações 1972-1990**. Trad. Peter Pál Pebart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. pp. 118-126.
- _____: **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pebart São Paulo: Ed. 34, 1997. pp. 9-16.
- DERRIDA, J.: **Acts of literature**. Edited by Derek Attridge. New York, London: Routledge, 1992.
- ELDRIDGE, Richard.: “Rotating the axis o four investigation: Wittgenstein’ investigations and Hölerlin’s poetology”. In: GIBSON, J. & HUMAR, W (Orgs.). **The Literary Wittgenstein**. 1st Ed. NY: Routledge, 2004.
- GLOCK, Hans-Johann,.: **Dicionário Wittgenstein**. Trad. Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- GUETTI, James.: “Monologic and Dialogic: Wittgenstein, *Heart of Darkness*, and linguistic skepticism”. In: GIBSON, J. & HUMAR, W (Orgs.). **The Literary Wittgenstein**. 1st Ed. NY: Routledge, 2004.
- HACKER, P.M.S.: **Wittgenstein: Sobre a natureza humana**. Trad. João Vergílio Gallenari Cuter. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- MARTINS, Helena F.: “Sobre a estabilidade do significado”. In: **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

- MONK, Ray.: **Wittgenstein : o dever do genio** . Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo : Cia. das Letras, 1995.
- PERLOFF, Marjorie: **Poetry on & off the page: essays for emergent occasions**. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1998. pp. ix-xv (Introduction).
- _____: **O momento futurista : avant-garde, avant-guerre, e a linguagem da ruptura**. São Paulo : EDUSP, 1993.
- _____: **Wittgenstein's Ladder: poetic and the strangeness of the ordinary**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1996.
- KAFKA, Franz.: **Contos, fábulas e aforismos**. Tradução, seleção e introdução de Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1993.
- _____: **Um medico rural**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- STANFORD ENCYCLOPEDIA PHILOSOPHY. **Wittgenstein's Aesthetics**. In: <http://plato.stanford.edu/entries/wittgenstein-aesthetics/>.
- THORNTON, Tim: **Estética, psicologia e religião: palestras e conversações**. São Paulo : Cultrix, 1970.
- WITTGENSTEIN, Ludwig: **Estética, psicologia e religião: palestras e conversações**. São Paulo : Cultrix, 1970.
- _____: **Cultura e Valor**. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2000.
- _____: **Da Certeza**. Trad. Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2000.
- _____: **Gramática Filosófica**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____: **Investigações filosóficas**. *Coleção "Os Pensadores"*. Trad. José Carlos Bruni. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- _____: **Tractatus lógico-filosófico; Investigações filosóficas**. Trad. M.S. Lourenço e Tiago de Oliveira. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.